

## Estádios Vazios, Ausência de Ídolos: Notas para uma Reflexão Sobre a Crise do Futebol Brasileiro

O processo de construção de uma nação é uma teia formada por diferentes tendências políticas, econômicas e sociais. O monopólio de uma força legítima sobre um território, o crescimento de uma máquina administrativa central e a unificação dos mercados, são apenas algumas, apesar de bem visíveis e bem estudadas, destas tendências. Porém, uma nação é também uma construção cultural, ou nas palavras de Benedict Anderson<sup>(1)</sup>, uma "comunidade imaginada", amarrada a símbolos, rituais e práticas que unem a população em celebrações periódicas com um forte sentido de coletividade. Os esportes de massa modernos possuem um papel importante na formação e reforço deste sentido de coletividade, de nação, de um "nós", que se situa acima e além das consciências individuais de cada um. No Brasil, as partidas de futebol têm sido, por quase cem anos, uma destas formas culturais centrais, capaz de promover um enorme sentido de integração coletiva, proporcionando um espetáculo ritual no qual uma sociedade dependente, multi-racial e desigual, projeta

(1) Ver Benedict Anderson  
*Imagined Communities:  
Reflections On The  
Origins And Spread Of  
Nationalism*. New York:  
Verso, 1983.

seus sonhos de orgulho e reconciliação. No entanto, quando a apatia e o desinteresse substituem o antigo fervor, quando os jogadores deixam o país e os torcedores abandonam os estádios, alguma coisa a mais do que o declínio deste esporte pode estar ocorrendo. A crise no futebol brasileiro é uma crise no coração da "comunidade imaginada".

Neste ensaio, pretendo tecer alguns breves comentários sobre a crise do futebol brasileiro tendo como base os resultados de uma pesquisa de doutorado conduzida pelo autor sobre o tema e defendida recentemente no Departamento de Sociologia da **New York University**.

**A crise no futebol brasileiro é uma crise no coração da "comunidade imaginada".**

O termo "crise", geralmente se refere a períodos de tensão, de conflito, de ruptura de equilíbrio, de grande dificuldade ou estado de coisas incertas, quando o curso dos acontecimentos alcançou um ponto em que a mudança é iminente. A "crise" pode ser vista também como um processo, como algo que ameaça a estrutura estabelecida, levando-a a mudanças graduais de tempos em tempos. O termo "crise do futebol brasileiro", repetido nos meios de comunicação com frequência desde meados da década de setenta, está intimamente relacionado aos seguintes fatores: a) a queda de público nas partidas de futebol; b) o êxodo de nossos melhores jogadores para o exterior; c) a pobre situação financeira dos grandes clubes; e d) a desorganização dos campeonatos<sup>(2)</sup>. Como o futebol sempre ocupou uma posição simbólica central na cultura brasileira, a persistência destes fatores durante um considerável período de tempo significam uma transformação radical da cultura popular.

O processo de crise e as diversas formas que os

dirigentes têm usado para tentar solucioná-la, demonstram uma estreita relação com o dilema clássico da cultura brasileira: uma oscilação entre um código tradicional (primado das relações interpessoais, de família e de amizade) e um ideal modernizante (primado das relações impessoais, igualitárias e do indivíduo)<sup>(3)</sup>. Além disso, um olhar cuidadoso sobre os fatores relacionados à crise nos leva a pensar sobre algumas das principais questões colocadas pela sociologia do esporte, quais sejam a de que o esporte moderno estaria inexoravelmente se profanando e racionalizando, destruindo, no nosso caso, elementos lúdicos fundamentais para a persistência do futebol como um ritual popular da cultura brasileira.

Convém lembrar também que nos idos dos anos 30, quando o futebol era ainda um esporte de elite permeado por uma ética amadora, uma grande crise abalou a sua estrutura. Devido à profissionalização do esporte na Europa e mais tarde na Argentina e no Uruguai, vários jogadores brasileiros deixavam o país e partiam para o exterior<sup>(4)</sup>. Como o futebol estava cada vez mais se tornando um esporte popular e a retirada dos torcedores dos campos de futebol era a resposta imediata a este "êxodo" de "ídolos", a introdução do profissionalismo foi a única saída encontrada pelos dirigentes da época para solucionar a crise. Devemos ressaltar no entanto, que o sistema de futebol profissional significava, e significa até hoje, profissionalismo somente para os jogadores e não para os dirigentes, que continuaram exercendo as suas funções de forma amadorística (sem remuneração) e frequentemente passional.

Vamos agora refletir sobre cada um dos fatores mencionados anteriormente como relacionados à atual crise do futebol brasileiro.

(3) Ver o trabalho de Roberto DaMatta *Carnavais, Malandros e Heróis: Para Uma Sociologia do Dilema Brasileiro*, Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

(4) Sobre este assunto ver o trabalho de Waldenyr Caldas *O Pontapé Inicial: Memórias do Futebol Brasileiro*, São Paulo: Ibrasa, 1990.

(2) Algumas vezes os jornais relacionam também a crise ao "fracasso" do Brasil as últimas Copas do Mundo. No entanto, estamos nos referindo aqui a momentos regulares e não a momentos episódicos como uma Copa do Mundo. A crise do futebol brasileiro, em termos mais amplos e gerais, independe de uma conquista de Copa do Mundo.

(5) Ver Christopher Lasch  
*A Cultura do Narcisismo*,  
Rio de Janeiro Imago editora,  
1983, pg. 139.

Como um evento de massa, a presença de torcedores nos estádios é necessária para legitimar o espetáculo e torná-lo completo.

Como um evento de massa, a presença de torcedores nos estádios é necessária para legitimar o espetáculo e torná-lo completo. Sobre um assunto semelhante, Christopher Lasch afirmou que toda "cerimônia requer testemunhas: espectadores entusiásticos, conhecedores das regras do desempenho e de seu sentido subjacente"<sup>5)</sup> Assim, a ausência dos torcedores nos estádios significaria o fim do futebol como um espetáculo de massa, repleto de significados para a comunidade. Os dados sobre a presença de público nos campeonatos brasileiros e nos campeonatos estaduais do Rio de Janeiro demonstram que a queda de público começou em meados da década de 70 e se agravou em meados dos anos oitenta. Após cuidadosa análise do conteúdo de artigos de jornais cobrindo o período que vai de 1970 até 1990, entrevistas com dirigentes de clubes de futebol, conversas informais com torcedores, técnicos, torcedores e jornalistas, conclui-se que a queda de público é causada pela desorganização dos campeonatos, pelo êxodo de jogadores para o exterior, pela racionalização do esporte (primazia do futebol "científico" sobre o futebol "arte") e pela crise econômica que afeta a sociedade brasileira por mais de duas décadas.

Um fenômeno de massa não consegue se sustentar sem a presença de "heróis", "estrelas", "ídolos". São eles que levam as pessoas a se identificarem com aquele evento. Eles representam a nossa comunidade, país e nação, seus anseios, temores e sonhos de uma forma gloriosa, freqüentemente sobrepujando os limites da condição humana. Sem "ídolos", "heróis" e "estrelas" não há futebol como uma forma cultural singular da sociedade brasileira. Após a Copa do Mundo de 1982, um número considerável destes "heróis" começou a

deixar o país para ir jogar no exterior. A situação vem se tornando dramática nos últimos anos com a Seleção Brasileira sendo formada por uma esmagadora maioria de jogadores que atuam no exterior. O êxodo de jogadores para o exterior é causado, por um lado, pela conscientização dos jogadores da brevidade de suas carreiras e pela organização do futebol na Europa, com profissionalização em todos os níveis (jogadores e dirigentes). Mas, por outro lado, o êxodo é causado também pela desorganização dos campeonatos no país, gerando uma série de jogos sem apelo, conseqüentemente afastando o torcedor dos estádios. A queda de público, somada ao baixo grau de comercialização do esporte, leva à pobre situação dos grandes clubes. A alternativa encontrada pelos clubes para equilibrar o orçamento de seus departamentos de futebol profissional tem sido freqüentemente a venda de seus melhores jogadores para o exterior começando assim um círculo vicioso que tende a agravar a crise.

A desorganização dos campeonatos é o resultado de um sistema de organização futebolística no qual os jogadores são profissionais e os dirigentes amadores. Este sistema é caracterizado pela política de troca de favores entre os clubes, federações e a CBF. Assim, a desorganização dos campeonatos é causada pela ética tradicional que tem permeado o universo da organização futebolística e por uma legislação esportiva que proíbe a modernização administrativa (profissionalização dos dirigentes, futebol-empresa e maior autonomia dos grandes clubes para organizar os campeonatos)<sup>6)</sup>. É aqui, no nível da organização do futebol, que o dilema brasileiro está mais relacionado com a crise, pois temos, de um lado, uma relação entre dirigentes amadores (tradição) e jogadores profissionais

A desorganização dos campeonatos é o resultado de um sistema de organização futebolística no qual os jogadores são profissionais e os dirigentes amadores.

(6) O recém aprovado "Projeto Zico" busca, entre outras coisas, justamente o fim destas "proibições".

(moderno), e de outro, temos a nível da organização mais ampla, a persistência de uma política de troca de favores e compensação e as recentes reivindicações de modernização da máquina administrativa.

Nos últimos 10 anos, a organização do futebol brasileiro tem sofrido diversas mudanças, nenhuma delas capaz de substancialmente transformar a sua estrutura. Todas estas mudanças apontam para a necessidade de modernização da administração. Por exemplo, a introdução de publicidades nas camisas de times de futebol em 1983, o início de transmissões ao vivo dos jogos a partir de 1987, e a contratação de gerentes profissionais nos departamentos de futebol de alguns grandes clubes do país são apenas algumas dessas pequenas modificações que ocorreram na última década. No entanto, a crise do futebol brasileiro atingiu seu apogeu, em termos administrativos, em 1987, com o surgimento do clube dos 13<sup>7)</sup>. A partir daquele momento, ficou claro que o atual sistema de organização futebolística, baseado em uma ética dupla, estava à beira de um colapso.

Resumindo os resultados da pesquisa chegamos às seguintes conclusões:

1) Até 1970 a organização do futebol brasileiro foi capaz de se sustentar com sucesso mesmo baseada em um sistema onde os diretores eram amadores e os jogadores, profissionais. A profissionalização do futebol europeu em todos os níveis pressionou a organização brasileira a modernizar a sua forma de administrar futebol.

2) O regime militar contribuiu para a desorganização dos campeonatos, instituindo o voto unitário nas

federações e na CBF a partir de 1975 (Decreto 6.251). A intenção era promover a integração do país. Porém ao nivelar, em termos de poder político, clubes sem expressão aos chamados "grandes" clubes, os campeonatos passaram a ter uma série de jogos desinteressantes para o torcedor, destruindo a "dramaticidade" do ritual futebolístico.

3) O êxodo dos jogadores foi causado, por um lado, pela crescente profissionalização dos jogadores, e por outro, pela falta de profissionalização da administração. Tradicionalmente o espetáculo futebolístico, como um ritual de massa, necessita da presença de estrelas, proporcionando aos torcedores uma oportunidade de construir uma identificação com seus "heróis". A pesquisa demonstrou que a crescente consciência profissional dos jogadores os leva a deixar o país, somente enquanto persistir a crise econômica do país e a desorganização administrativa. Ou seja, em que pese a crise econômica, suspeitamos que um número menor de jogadores deixaria o país se o futebol fosse organizado de uma forma mais racional e moderna, baseado em uma ética única de profissionalismo. Paradoxalmente, a "modernização" a nível da administração é importante para assegurar um aspecto "tradicional" do espetáculo: a presença de ídolos.

4) A tendência a modernizar a máquina administrativa está ganhando cada vez mais espaço. Se na década de 30 a solução encontrada para resolver a crise foi a profissionalização dos jogadores, agora a tendência é em direção à profissionalização dos dirigentes e a adoção do modelo de administração conhecido como "futebol-empresa". Isto vai acabar mudando a atual estrutura de organização administrativa. A organização do futebol

**Tradicionalmente o espetáculo futebolístico, como um ritual de massa, necessita da presença de estrelas, proporcionando aos torcedores uma oportunidade de construir uma identificação com seus "heróis".**

(7) O Clube dos 13 foi um movimento surgido em julho de 1987 formado pelos 13 "grandes" clubes brasileiros, em termos de pontuação e renda nos campeonatos nacionais, e liderado por São Paulo e Flamengo.

brasileiro está passando por um período de mudança estrutural. O atual sistema está à beira de um colapso. No entanto, para realmente ser bem sucedida, esta mudança precisa ser acompanhada por uma reorganização da atual estrutura de poder, proporcionando aos grandes clubes mais autonomia para organizar seus campeonatos. Uma competição com somente os "grandes" clubes e um calendário organizado significa que todas as partidas serão consideradas confrontos entre "gigantes", com grande apelo para os torcedores e, sociologicamente falando, pode significar também um retorno à "comunidade imaginada".

5) A modernização a nível das táticas de jogo, com a racionalização do esporte tornou o espetáculo futebolístico menos atraente para os torcedores. Talvez muito pouco possa ser feito pelos dirigentes para resolver este item particular, já que esta é uma tendência internacional. No entanto, é importante ressaltar que aqui a "tradição" deve permanecer para sustentar a popularidade do futebol. O brasileiro, por uma questão cultural que sempre privilegia a "malandragem", a "ginga" e o "drible", tem rejeitado este estilo de jogo.

6) A hipótese geral de que a televisão tira o torcedor dos estádios, precisa ser investigada com mais cuidado. Os primeiros resultados da pesquisa mostram que esta é uma hipótese ainda não confirmada. A relação entre TV e futebol é, no Brasil, muito complexa. A Televisão pode também ajudar a promover o futebol e assim melhorar a situação financeira dos clubes (como ocorreu durante a Copa União em 1987). Além disso, a queda de público começou bem antes da introdução das transmissões dos jogos ao vivo.

7) Enquanto a crise econômica do país é um fato importante que leva à crise do futebol, ela não é certamente a única causa, como muitos observadores alegam. Fatores internos ao universo futebolístico contribuem para a dramaticidade da crise.

Assim, a crise do futebol está intimamente relacionada com a forma como este esporte é organizado no país. O dilema brasileiro está no centro desta forma de organização. A inconsistência de um sistema caracterizado por jogadores profissionais e dirigentes amadores gera paternalismo e mais adiante conflito, já que os jogadores brasileiros começam a adquirir consciência da profissionalização que está tomando conta da organização do futebol na Europa em todos os níveis. O dilema brasileiro se intensifica à medida que a pressão em direção à modernização administrativa vai crescendo. A relação entre o dilema brasileiro e a crise do futebol se encontra justamente no fato de que a crise explicada pelo modelo de organização "tradicional" no país, privilegia amadorismo, troca de favores, paternalismo e compensação. Este modelo de organização tende a ser substituído por um modelo onde a ética profissional (moderna) predominará em todos os níveis.

Concluímos também que algumas combinações de fatores tradicionais e modernos são mais propensas do que outras para a perpetuação da crise. Isto não somente ilumina a relação da crise com o dilema brasileiro mas também nos ajuda a refletir sobre algumas questões da sociologia do esporte. O estudo da crise demonstrou, por exemplo, que a comercialização pode ter um efeito positivo no espetáculo. Ela pode promover a reorganização do futebol e ajudar a resolver a crise. Quando empresas investem no esporte, elas se

Assim, a crise do futebol está intimamente relacionada com a forma como este esporte é organizado no país. O dilema brasileiro está no centro desta forma de organização.

A hipótese geral de que a televisão tira o torcedor dos estádios, precisa ser investigada com mais cuidado. Os primeiros resultados da pesquisa mostram que esta é uma hipótese ainda não confirmada.

empenham no sucesso do mesmo para poder ter o retorno financeiro almejado. Por exemplo, durante a Copa União, em 1987, quando várias empresas patrocinaram o evento, houve uma pressão por parte delas para que os jogos começassem rigorosamente no horário pré-estabelecido. Além disso, observa-se que, apesar da "profanação" inerente à comercialização, ainda existe uma certa aura sagrada permeando o universo do futebol. Mesmo com a publicidade nas camisas de times de futebol, por exemplo, os torcedores ainda se sentem orgulhosos das cores e símbolos do clube que eles amam. Uma camisa de um jogador é ainda buscada como um tesouro pelo torcedor. Com a tendência internacional em direção à racionalização do esporte, o futebol brasileiro ficou também mais racional no seu estilo de jogo. No entanto, suspeitamos que esta racionalização esteja encontrando resistência por parte dos torcedores <sup>(8)</sup>. É interessante observar que a racionalização do jogo tem sido sempre motivo de debates fervorosos no Brasil. No entanto, o retorno às qualidades mágicas do futebol brasileiro não o salvará da crise. A única saída, em termos administrativos, é "ir em frente", significando, em última instância, que a modernidade é uma rua de mão única. O segredo do sucesso está em promover a "modernização" administrativa e preservar certos elementos "tradicionais" do espetáculo futebolístico, com a presença de ídolos e o estilo "romântico" de jogo.

**Ronaldo Helal**

Do Depto de Teoria da Comunicação - UERJ

Do Núcleo de Sociologia do Futebol - UERJ

PhD em Sociologia - New York University

Autor do livro "O que é Sociologia do Esporte" -

Editora Brasiliense.

(8) Sobre estas questões no selo da sociologia do esporte ver Ronaldo Helal *O que é Sociologia do Esporte*, São Paulo, Brasiliense, 1990.